

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE PEDAGOGIA

MATHEUS MORAIS DA LUZ

**PAULO DE TARSO: A CONSTRUÇÃO DE UMA PROPOSTA
PEDAGÓGICA PARA O CRISTIANISMO PRIMITIVO.**

MARINGÁ, PR
2014

MATHEUS MORAIS DA LUZ

**PAULO DE TARSO: A CONSTRUÇÃO DE UMA PROPOSTA
PEDAGOGICA PARA O CRISTIANISMO PRIMITIVO.**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Estadual de Maringá, como
requisito parcial obtenção do grau de
licenciado em pedagogia.

Orientação: Prof. Dr. José Joaquim
Pereira Melo

MARINGÁ, PR

2014

PAULO DE TARSO: A CONSTRUÇÃO DE UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA O CRISTIANISMO PRIMITIVO.

PARECER DA BANCA EXAMINADORA

ACADÊMICO: MATHEUS MORAIS DA LUZ

DATA DA DEFESA: ____/____/____

Trabalho apresentado nesta data ao Curso de Pedagogia, modalidade presencial, da Universidade Estadual de Maringá, como requisito da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, examinado pela Banca Examinadora composta pelos professores:

Prof.^a Dr.^a José Joaquim Pereira Melo (Orientador) – UEM

Prof.^a Ms. Roseli Gall do Amaral da Silva – UEM

Prof.^a Ms. Maria de Lurdes Silva Barros Cavicchioli - UEM

Dedico este trabalho a meu orientador o Prof. Dr. José Joaquim Pereira Melo pelo carinho e atenção a mim dado não apenas durante a elaboração deste trabalho, mas também durante os quatro anos de minha formação, à minha mãe e meu pai, que muito me apoiaram.

AGRADECIMENTO

Primeiramente não posso deixar de lembrar que Deus me deu condições para chegar até aqui.

Da mesma forma não poderia deixar de mencionar meu querido orientador o Prof. Dr. José Joaquim Pereira Melo, que durante toda a minha formação muito me ajudou e auxiliou, se tornando assim, um grande amigo e mestre.

Agradeço a minha querida mãe que sempre me apoio e muito se esforçou para garantir a minha formação.

Também gostaria de lembrar de meu querido pai que da mesma forma me apoiou.

Agradeço a minha família que muito me incentivou ao longo da minha formação.

Gostaria de mencionar também todos meus amigos que me ajudaram durante a formação, em especial os meus grandes amigos: Antonio Batista Alves Neto, Maytha Tatibana Bortolloto e Renata Valério Silva.

Não poderia deixar de lembrar de minha grande amiga a Prof. Dr. Ivana Simili pela amizade e carinho.

Agradeço também a todos os professores que contribuíram para minha formação.

LUZ, Matheus Morais da. **Paulo de Tarso**: A construção de uma proposta pedagógica para o Cristianismo Primitivo. Trabalho de Conclusão de Curso Modalidade Presencial, Universidade Estadual de Maringá, Campus Maringá, 2014.

RESUMO

O presente trabalho aborda de que forma Paulo de Tarso conferiu ao amor qualidades fundamentais para a vida cristã, de forma a instrumentá-lo como elemento essencial na formação do homem cristão, a tal ponto que, todas as relações sociais foram fundamentadas por tal sentimento, o qual para ele, é um sentimento superior aos demais, por materializar a divindade cristã, sendo, portanto uma dádiva divina concedida aos homens. Na leitura de suas Cartas, em especial, abordadas nesse trabalho, as cartas de *I Tessalonicenses, Gálatas, Romanos e I Coríntios*, pode-se perceber que mesmo sendo comunidades com cotidianos e problemas diferenciados, o amor aparece como o elemento que favoreceria a organização e solucionaria todos os problemas, principalmente no que diz respeito aos comportamentos sociais. Portanto, ao analisar as obras de Paulo de Tarso propõem-se compreender os fundamentos do pensamento cristão do primeiro século, bem como o homem que se pretendia formar, as características desse novo homem e como se configurava as comunidades cristãs em sua origem.

Palavras-chave: Paulo de Tarso. Amor. Homem Cristão. Formação. Comunidades Cristãs.

LUZ, Matheus Morais da. **Paulo de Tarso**: A construção de uma proposta pedagógica para o Cristianismo Primitivo. Trabalho de Conclusão de Curso Modalidade Presencial, Universidade Estadual de Maringá, Campus Maringá, 2014.

ABSTRACT

This study discusses how Paul of Tarsus gave the love is crucial for the Christian life, which led him to be considered as an essential element in the formation of the Christian man, to the point that all social relations were based on such a feeling, which for him, is one upper to the other sense, by materializing the Christian deity, being therefore a divine gift given to men. In reading his letters, in particular, addressed in this work, the letters of *I Thessalonians*, *Galatians*, *Romans* and *I Corinthians*, can see that even though communities with everyday problems and different, love appears as the element that favour the organization and solve all the problems, especially with regard to social behaviors. Therefore, when analyzing the works of Paul of Tarsus propose to understand the fundamentals of first-century Christian thought and the man who was intended to form, the characteristics of this new man was configured and how the Christian communities in origin.

Keywords: Paul of Tarsus. Love. Christian man. Formation. Christian Communities.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	08
1 - PAULO DE TARSO: ORIGENS DO APÓSTOLO DOS GENTIOS	13
1.1 O EPISTOLÁRIO DE PAULO DE TARSO	19
2 - PRINCIPAIS ELEMENTOS FORMATIVOS NA PROPOSTA DE PAULO DE TARSO.....	25
3 - O AMOR COMO ELEMENTO FORMATIVO NA PROPOSTA PEDAGÓGICA DE PAULO DE TARSO	33
3.1 CARTA AOS TESSALONICENSES: O AMOR COMO AGENTE DA RELAÇÃO DEUS/HOMEM.....	35
3.2 CARTA AOS GÁLATAS: AMOR ENQUANTO PLENITUDE DE DEUS.....	35
3.3 CARTA AOS ROMANOS: O AMOR INCONDICIONAL.....	37
3.4 CARTA AOS CORÍNTIOS: AMOR - O SENTIMENTO SUPERIOR.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS.....	43

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Deve-se considerar o momento histórico em que o cristianismo primitivo surge, pois se trata de um período muito peculiar, marcado pela expansão do Império Romano e a helenização do mundo antigo. Todos esses processos de mudanças sociais e filosóficas atingiram e influenciaram de forma direta a construção do cristianismo.

A princípio o cristianismo surge como uma religião estritamente regional, sendo uma reorganização do judaísmo já existente na Palestina. Assim sendo, sua construção inicial é marcada pela reestruturação dos rituais judaicos e da lei mosaica, inserindo a figura de Jesus Cristo como o filho de Deus.

Desde sua origem o cristianismo possuía dois grupos de adeptos, os cristãos judeus e os cristãos helenizados, que possuíam como principal diferenciação a língua, pois os primeiros faziam uso do hebraico ou o aramaico, enquanto os outros faziam uso da língua grega.

A língua e a cultura constituem, desde o início, o primeiro elemento de distinção no interior da comunidade dos novos crentes. [...] De um lado, os judeus-cristãos, isto é, os crentes de língua hebraica ou aramaica; de outro, os fiéis judeus de língua grega (PIERINI, 1998, p.52).

Pode-se considerar assim a língua grega como um dos principais diferenciais no interior das comunidades cristãs e posteriormente um elemento fundamental para a expansão do cristianismo primitivo pelo mundo considerado pagão.

Ao utilizar os recursos da língua grega, o cristianismo assimila todo um mundo de conceitos, categorias de pensamento, metáforas herdadas e sutis conotações de sentido. É evidente que existe uma rápida assimilação da língua pela proximidade do cristianismo desde sua origem (JAEGER, 2002, p.17).

Desta forma seria errôneo dizer que o cristianismo nasceu apenas sobre influência do judaísmo, se fundamentando apenas nos dogmas e pensamentos judaicos e que subsequentemente alcançou os demais povos considerados pagãos. Pelo contrário, foi justamente na cultura helênica que o cristianismo achou sua entrada no mundo pagão.

Uma lenda querer considerar que o nascimento do cristianismo dependeu integralmente do judaísmo e foi arrancado da Palestina para conquistar o mundo por meio de um dogma e uma ética esboçada em largos traços (ENGELS, 1969, p. 20).

Sendo assim, é imprescindível para a compreensão da origem e da expansão do cristianismo, a compreensão das influências que o mesmo recebeu tanto do judaísmo como da cultura helênica, pois sua fundamentação por mais que tenha base judaica, recebeu uma forte influência da cultura helênica e, assim alcançou a universalidade, sendo aceito tanto pelos judeus como pelos povos considerados pagãos.

Nesse processo de fundamentação da proposta formativa do cristianismo primitivo lugar de destaque teve Paulo de Tarso, o qual é considerado por alguns autores como: BARBAGLIO, SILVA, CAVICCHIOLI, entre outros; como um dos principais responsáveis pela expansão e aceitação do cristianismo no mundo pagão.

Paulo de Tarso é fundamental para a compreensão do pensamento cristão em sua origem, pois foi por meio de suas epístolas que o cristianismo primitivo ganhou sua primeira fundamentação teológica-filosófica. “A formação da consciência cristã, ou de uma identidade cristã, nos primeiros séculos de nossa era, passa pela pedagogia paulina e tem em sua proposta sua base fundamental.” (SILVA, 2010, p. 72). Apesar de seus escritos não serem considerados um corpus sistemático, foram indispensáveis para fomentar o pensamento cristão do primeiro século.

Suas epístolas tem um caráter teológico extremamente importante, pois sua principal motivação foi as crises e problemas enfrentados pelas comunidades cristãs formadas por Paulo de Tarso, sendo assim nelas estão presentes toda uma proposta formativa para o homem cristão.

As cartas paulinas foram instrumentos com fins eclesiais e formativos que buscavam promover a organização contínua, manutenção e formação das comunidades que, em sua maioria, haviam sido fundadas por Paulo de Tarso. (SILVA, 2010, p. 49).

A proposta de Paulo de Tarso possui dois elementos fundamentais, o amor, ou como ele define a *Ágape* e a imitação de Cristo. Portanto sua proposta é de formar o homem para se aproximar de Deus alcançando assim a

salvação. Para isso ele faz uso desses dois elementos, o amor como o agente da relação entre Deus e os homens, entre os homens e Deus e, também o responsável pelo convívio harmônico entre os homens e o modelo de Cristo.

Ao destacar o modelo de Cristo como o Homem ideal para o cristianismo primitivo, Paulo de Tarso elabora a identidade de Cristo e ao mesmo tempo constrói uma identidade para o novo homem, no caso o homem cristão (SILVA, 2010).

A identidade de Cristo na obra de Paulo de Tarso em linhas gerais é esquematizada da seguinte forma: Homem fiel e temente a Deus, amoroso, desapegado das coisas materiais e terrenas e dedicado as coisas celeste, portanto, homem santificado. Assim sendo o objetivo geral de Paulo de Tarso era levar o homem a santificação, segundo o modelo de Cristo.

Em suas epistolas, portanto, Paulo de Tarso enfatiza a centralidade de Cristo no plano salvífico de Deus, assim a redenção e salvação viriam apenas por intermédio de Jesus, ou seja, não é mais a lei Mosaica ou as Tradições judaicas que levam o homem a santificação, mas sim o sacrifício de Jesus.

A obra de Paulo foi possível graças a sua formação inicial onde se destaca o fato dele ter sido formado desde pequeno na observância da lei mosaica e das tradições judaica, porém como pertencia à diáspora judaica recebeu grande influência da cultura helênica. Desta forma, podemos entender que sua missão junto aos povos considerados pagãos foi possível graças a sua afinidade e proximidade com a cultura helênica, principalmente com a língua grega.

Hoje, todos reconhecem que a maneira de pensar e a forma de vida dos gregos tiveram influência considerável sobre o espírito de Paulo, que deve ter vivido muito tempo em Tarso. Pensava, falava e escrevia em grego, como se fosse sua língua materna [...] (HOLZNER, 1959, p.19).

Ao falar de Paulo não podemos lembrá-lo apenas por meio de suas epístolas, pois antes de tudo Paulo de Tarso foi um homem de ação, ou seja, ele se entregou a sua missão como propagandista do cristianismo nascente e a cumpriu com exemplar empenho. Portanto, seus escritos não são de gabinete e sim de campo, na medida em que encontrava tempo para escrever. Assim

seus escritos são a continuação de sua obra, onde ele buscou responder os problemas de suas comunidades.

Portanto, sua obra missionária foi para além do campo missionário por meio de suas epístolas, e se considerar que o objetivo inicial delas, era apenas o de formar, exortar e responder aos problemas específicos de suas comunidades a dimensão que elas atingiram foi imensurável, pois até nos dias de hoje seus escritos ganham lugar de destaque entre os textos tidos como sagrados.

Destarte, a obra de Paulo de Tarso foi de extrema importância para o cristianismo do primeiro século e por meio de seus escritos ganhou vida no tempo, assumindo caráter formativo ainda na contemporaneidade.

Paulo de Tarso por meio de sua proposta formativa foi o primeiro a tecer uma fundamentação de caráter teológico para atender as necessidades das comunidades cristãs primitivas com vistas a uma suposta universalidade. Buscando inspiração na formação clássica – formação pelo modelo/exemplo, sua proposta passa necessariamente pela imitação de Cristo: “Sejam imitadores de Deus como filhos queridos [...]” (EFÉSIOS, 4: 1). Paulo de Tarso assim, se torna um dos principais nomes do cristianismo primitivo.

Em sua fundamentação, elege o amor como o elemento fundamental, pois este, enquanto instrumento pedagógico removeria todas as barreiras existentes entre os homens, tornando-os iguais perante Deus, o que demonstra que Paulo de Tarso, em sua proposta não busca uma transformação social, pelo contrário, exorta os cristãos a aceitarem sua condição social como desígnio de Deus. Sendo assim, sua proposta é de caráter religioso e não político-social.

Para responder a essas questões o trabalho foi dividido em três seções: na primeira seção será abordado as origens de Paulo de Tarso e a sua inserção no cristianismo primitivo; na segunda seção abordaremos os principais elementos da proposta pedagógica de Paulo de Tarso para o cristianismo do primeiro século; e por fim na terceira e última seção daremos o destaque para o elemento formativo amor, onde abordaremos as formas que o mesmo aparece na primeira epístola aos Tessalonicenses, na epístolas aos Gálatas, aos Romanos e na primeira epístola Coríntios. Desta forma, será

possível traçar em linhas gerais o pensamento de Paulo de Tarso e ao mesmo tempo o pensamento cristão do primeiro século.

1- PAULO DE TARSO: ORIGENS DO APÓSTOLO DOS GENTIOS

Paulo de Tarso foi um dos grandes nomes do cristianismo primitivo e um dos principais responsáveis pela expansão do mesmo, principalmente no mundo considerado pagão ao levar a mensagem do cristianismo que nascia para além das fronteiras da Palestina rompendo assim, com o particularismo defendido pelos primeiros apóstolos. Desta forma se torna imprescindível para a compreensão do processo de universalização do cristianismo no primeiro século a compreensão da origem de Paulo de Tarso.

Como relatado no livro de Atos dos Apóstolos, Paulo nasceu na cidade de Tarso, da Cilícia, e possuía dois nomes, por isso em suas epístolas atende pelo nome de Paulo e no Atos dos Apóstolos aparece com nome de Saulo, “Evidentemente, como o faziam muitos judeus da diáspora, ele havia acrescentado o nome grego-romano ao nome judaico.” (BARBAGLIO, 1989, p. 15-16). O que deixa claro seu pertencimento ao Império Romano, pois possuía uma dupla cidadania, sendo assim Paulo de Tarso era um Judeu-romano.

Paulo de Tarso nasceu por volta do ano 10 depois de Cristo e em uma cidade helenizada fora das fronteiras da Palestina, ou seja, ele era pertencente a diáspora judaica, porém mesmo longe da Palestina sua educação fora desde criança a até a juventude na observância das tradições judaicas e da Lei mosaica.

Inclusive pode orgulhar-se de ter feito parte do restrito grupo dos fidelíssimos e intransigentes observantes da lei mosaica e das tradições judaicas: ‘Quanto à Lei, fariseu’ (Fl 3,5). Embora tendo nascido na cidade helênica de Tarso, não lhe faltava a pureza do sangue hebraico, e sua integração étnica, cultural e religiosa com o povo israelita não apresentava nenhuma falha. Cresceu numa família judaica observante; o hebraico foi sua língua materna; as tradições bíblicas e judaicas constituíram o conteúdo da sua formação escolar, obtida na sinagoga de Tarso. (BARBAGLIO, 1993, p. 16)

Sua educação como de costume naquele tempo foi feita inicialmente por seus pais e após ter recebido essa educação paternal Paulo de Tarso foi enviado à Jerusalém, onde recebeu uma educação farisaica aos pés de Gamaliel, um dos principais nomes entre os rabinos.

'A seus pés' (de Gamaliel) Saulo, vindo de Tarso, recebeu as lições sobre os ensinamentos da Lei Judaica, de acordo com as interpretações dos doutores da lei (como eram conhecidos os fariseus), que apesar de algumas flexibilidades tinham como missão zelar por defender suas tradições. Assim, tornou-se fariseu, zeloso, disciplinado nas ideias religiosas e intelectuais de seu povo. (SILVA, 2010, p.25)

No entanto seria um erro dizer que Paulo de Tarso não tenha sido alcançado pela cultura helênica, por mais que fora educado na pureza da Lei mosaica e das tradições judaicas, em momento algum esteve imune às influências do pensamento e da cultura helênica. Tanto é que Paulo de Tarso em sua missão demonstra domínio da língua grega e em suas mensagens exibe uma gama de conceitos e elementos que ele assimilou da cultura helênica, principalmente da corrente filosófica estoica, "[...] no ambiente cultural em que foi formado, provavelmente tenha estado em contato com o modo de falar e de argumentar dos filósofos itinerantes de sua época" (SILVA, 2010, p.27). Desta forma podemos afirmar que Paulo de Tarso era Hebreu, fidelíssimos à Lei mosaica, porém pertencente à diáspora judaica.

Pois bem, neste quadro sócio-religioso da diáspora judaica é que Paulo veio à luz, foi educado na religião dos pais, amadureceu opções radicais de fidelidade hebraica, entrou em relação com o mundo pagão. Por outro lado, não se exclui que se tenha beneficiado também da escola rabínico-farisaica de Gamaliel em Jerusalém, sem no entanto fazer-se rabino. (BARBAGLIO, 1993, p.51)

Pertencia a três mundos distintos, pois sua educação era judaica, fazia uso da língua grega, pertencente culturalmente ao mundo helenístico e por fim como a própria duplicidade de nacionalidade indica politicamente Paulo de Tarso era cidadão romano. Portanto, Paulo de Tarso teve desde sua origem contato com a formação judaica, com a cultura clássica e com o império romano.

Concluindo, Paulo pertencia a três mundos distintos: ao judaísmo do ponto de vista religioso; pela língua ao helenismo; politicamente ao Império romano. Três pátrias, poderíamos dizer, que lhe deixaram marcas diversas desde o início: determinante foi o fato de pertencer à religião judaica; digna de consideração a integração cultural no ambiente helenístico; condição favorável para sua futura atividade do Estado romano a que pertencia como cidadão. Neste sentido, parece correto defini-lo como um cosmopolita. (BARBAGLIO, 1993, p. 44)

Para compreender a sua entrada no cristianismo se faz necessário compreendermos o “evento” ocorrido a caminho de Damasco. “Evento que, segundo a tradição cristã, ocorreu provavelmente pelo ano 45 d. C.” (SILVA, 2010, p.27) e que dá novos rumos a sua vida, pois deve-se considerar que devido sua educação farisaica e seu zelo à Lei mosaica, seu contato inicial com o cristianismo foi de perseguição e contraposição, como ele mesmo gosta de lembrar.

Ao relembrar o passado, Paulo confessa que seu primeiro contacto com o movimento de Jesus foi de clara oposição e de agressividade hostil. Infelizmente, trata-se de observações muito breves e magras. Na Epístola aos Gálatas afirma: ‘Perseguia ferrenhamente a Igreja de Deus e procurava exterminá-la’ (1,13). E como a querer ligar a luta anticristã com a defesa da herança religiosa do judaísmo, logo depois recorda o seu zeloso apego (*zelotes*) à religião de seus pais (1,14). Escrevendo aos fiéis de Filipos, é mais explícito e não deixa dúvida alguma sobre o móbil de sua ação persecutória: ‘... no zelo (*kata zelos*), perseguidor da Igreja’ (3,6). (BARBAGLIO, 1993, p. 74)

Porém a perseguição tem seu fim com o acontecimento a caminho de Damasco, onde segundo ele lhe sobreveio uma forte luz, a qual o derrubou do cavalo e na queda ele entrou em uma espécie de “trance” onde Jesus lhe interroga a respeito de sua perseguição contra a igreja e por fim o chama a fazer parte do projeto salvífico de Deus. Como o próprio Paulo de Tarso mencionou em sua epístola:

Pois, vós ouvistes falar do meu procedimento, outrora, no judaísmo: com que arrebatamento eu persegui a Igreja de Deus e Procurava destruí-la; eu progredia no judaísmo, ultrapassando a maioria dos da minha idade e da minha raça por meu zelo transbordante pelas tradições de meus pais. Mas quando Aquele que me pôs à parte desde o seio de minha mãe e me chamou por sua graça houve por bem revelar em mim o seu Filho, a fim de que eu o anuncie entre os pagãos, imediatamente, sem recorrer a nenhum conselho humano, nem subir a Jerusalém para junto daqueles que eram apóstolos antes de mim, parti para a Arábia depois voltei a Damasco. A seguir, três anos depois, subi a Jerusalém para conhecer Cefas e fiquei quinze dias com ele, sem ver entretanto nenhum outro apóstolo, a não ser Tiago, irmão do Senhor. O que vos escrevo, digo-o diante de Deus, não é mentira. A seguir, fui para as regiões da Síria e da Cilícia. Mas o meu rosto era desconhecido das igrejas do Cristo que estão na Judéia; elas tinham simplesmente ouvido dizer: ‘Aquele que outrora nos perseguia anuncia agora a fé que então destruíra’ (GÁLATAS 1,13-23).

Esse acontecimento aparece várias vezes no Novo Testamento, em algumas das epístolas paulinas e no livro do Atos dos Apóstolos, porém a veracidade do acontecimento é difícil de ser afirmada. Mesmo sem ter como afirmar o que de fato ocorreu naquele dia, podemos dizer que o acontecimento mudou a vida de Paulo de Tarso e deu novos rumos ao cristianismo nascente, tendo em vista que Paulo de Tarso após convertido ao cristianismo se torna um dos maiores expoentes do pensamento cristão no primeiro século. Nesse sentido, pode-se afirmar que:

[...] sua conversão não se reduz a uma mudança de vida de caráter ético e religioso, e muito menos a um fato privado. Ao contrário, tem uma definida dimensão pública. Sim, porque ele se converteu a Cristo convertendo-se, ao mesmo tempo, à missão cristã no mundo. No caminho de Damasco nasceu não apenas o crente, mas também o missionário: Deus revelou o filho para que ele o anunciasse aos pagãos (Gl 1,16). (BARBAGLIO, 1989, p. 20)

Prova disso é que um dos sentidos atribuídos no livro dos Atos dos Apóstolos ao aparecimento de Jesus a Paulo de Tarso é a necessidade de investir nele e em seu ministério uma iniciativa divina, ou seja, confirmar a divindade de sua missão com os pagãos, como Jesus mesmo lhe diz:

Levanta-te e te põe em pé! Eu te apareci para te fazer ministro e testemunha do que viste e do que ainda te mostrarei. Eu te escolhi do meio do povo e dos pagãos, para os quais agora te envio, a fim de lhes abrires os olhos e para que eles se convertam das trevas para a luz, do poder de satanás para Deus, e recebam a remissão dos pecados e a herança entre os santificados pela fé em mim” (ATOS 26,16-18)

Desta forma Paulo de Tarso deixa de ser perseguidor para anunciar o evangelho ao mundo considerado pagão, se tornando um dos maiores nomes do cristianismo primitivo. “Durante doze ou treze anos, Paulo de Tarso percorreu as grandes cidades do Império Romano: Antioquia, Atenas, Corinto, Éfeso, Roma, tendo em vista conquistá-las para a nova fé” (CAVICCHIOLI, 2005, p. 78). Sua missão junto ao mundo considerado pagão fez com que ele recebesse o título de “apóstolos dos gentios”.

Também é importante dizer que a missão de Paulo de Tarso foi praticamente toda urbana, até por que apenas os grandes centros urbanos eram acessíveis através das estradas do Império Romano e das vias

marítimas. Desta forma Paulo de Tarso propagandeava o cristianismo nos centros urbanos de onde se espalhava para as demais localidades.

Mesmo tendo que superar essas dificuldades de locomoção, durante sua missão Paulo de Tarso não abriu mão de um trabalho manual, sendo assim além de anunciar o evangelho ele também se dedicava ao trabalho de tecelão de tendas. Assim, ora era sustentado pelos fieis colaboradores de sua missão, ora ele mesmo garantia por meio de seu trabalho o seu sustento e o sustendo de sua missão junto aos povos considerados pagãos.

Os Atos atestam que ele tinha um trabalho manual: tecelão de tendas ou de coberturas para o campo (18,3). Inclusive como missionário, alternará períodos de pregação, de tempo integral, com períodos em que trabalhava com as próprias mãos para ganhar o sustento (cf. 1Ts 2,9; 1Cor 9,1ss.; At 18,1-5).” (BARBAGLIO, 1989, p. 18).

A opção de trabalhar afasta de sua missão a desconfiança de que sua ação era motivada por interesses individuais, pois “Graças ao trabalho, então, ganha honestamente a vida, evitando viver à custa dos outros e libertando assim a mensagem de suspeita, que facilmente poderia surgir, de interesse pessoal” (BARBAGLIO, 1934, p. 64). Assim, por meio de sua atividade manual ele se sustentava ao mesmo tempo em que garantia à sua mensagem um caráter desinteressado.

O ideal em que se inspira é o da auto-suficiência (*autarkeia*), como abertamente confessa aos filipenses: ‘Aprendi a ser auto-suficiente (*autarkes*) em qualquer situação. Sei passar privações e sei viver em abundância. Para tudo e por tudo estou iniciado: ter fartura como sofre fome, ter de sobra e passar penúria’ (BARBAGLIO, 1993, p. 64).

Essa sua atividade além de lhe prover o sustento também lhe proporcionava inúmeras oportunidades para o anúncio da mensagem do evangelho, pois no exercício de sua função como artesão, Paulo de Tarso entrava em contato com muitas pessoas de localidades distintas. Desta forma, podemos dizer que Paulo de Tarso se aproveitou até mesmo de seu trabalho, algo que muitos consideram que o afastou de sua missão, para fazer propaganda do cristianismo nascente.

Deve-se ainda dizer que, embora o trabalho manual lhe tenha subtraído um tempo precioso, é necessário reconhecer que, afinal de contas, trabalhando nesta ou naquela casa, e também transferindo-se de navio desta cidade para aquela, não lhe faltavam ocasiões de contato e de diálogo com os companheiros de trabalho e de viagem. Eis um aspecto, pequeno mas que não se deve desprezar, de sua missão evangélica: propaganda capilar, face a face, no contexto de uma comunhão de vida e trabalho. (BARBAGLIO, 1993, 68).

Paulo de Tarso não pode ser visto apenas como um pensador, um teólogo ou um escritor epistolar do cristianismo primitivo, pois antes de qualquer coisa sua missão foi a de anunciar e propagandear o evangelho aos povos considerados pagãos, ou seja, sua missão para além das fronteiras da Palestina foi inicialmente no campo da missão cristã.

A exaltação do genial teólogo e do vivo escritor epistolar não nos pode fazer esquecer que Paulo foi antes de mais nada homem de ação. Não lhe faríamos justiça se o limitássemos ao papel de pensador, que exerceu sem dúvida. O melhor de si, ele o deu certamente no campo da missão cristã. Ainda mais que sua teologia é teologia missionária aplicada aos problemas vitais do anúncio evangélico e da existência da comunidade cristã. (BARBAGLIO, 1993, p. 93).

Deve-se entender Paulo de Tarso como um homem de ação e para o cristianismo primitivo um dos principais responsáveis pela expansão e pela dimensão atingida pelo cristianismo, pois como ele mesmo assume sua missão era a de fazer o primeiro anúncio aos povos que ainda não haviam sido atingidos pelos missionários cristãos. Desta forma um dos principais critérios para a escolha de uma cidade onde Paulo de Tarso iria anunciar o evangelho era justamente a de ser o primeiro a levar a mensagem de Cristo.

Em geral, escolhia um lugar onde ainda não tinha feita a evangelização. Não gostava de atuar em terrenos já trabalhados por outros missionários. Diz isso abertamente aos cristãos de Roma: “Estabeleci para mim mesmo um ponto de honra, qual seja o de anunciar o evangelho somente onde o nome de Cristo ainda não tivesse sido invocado. E isto para não edificar sobre alicerces lançados por outros” (15,20; cf. também 2Cor 10, 12-18). De fato, sentia-se vocacionado para levar o primeiro anúncio evangélico e para fundar novas comunidades cristãs, alargando a fronteira cristã cada vez mais, até os extremos confins da terra. Todos os povos pagãos devem ouvir a mensagem de Cristo: é esse o projeto de Deus,

e ele, o instrumento escolhido para tal empreendimento (cf. Rm 1,14-15; 15,15-19.24.28); (Gl 1,16). (BARBAGLIO, 1989, p. 27).

Porém, seria um erro compreender que sua missão se completava apenas com o anúncio do evangelho, pois Paulo de Tarso também se propunha a fundar comunidades cristãs por onde passava desta forma, parte do tempo nas comunidades era dedicado ao anúncio da mensagem cristã e o restante ao ensino dos dogmas cristão. Assim, Paulo de Tarso foi o responsável por formar e educar grandes e importantes comunidades cristãs do cristianismo primitivo.

Portanto para o cristianismo, que nasce como uma proposta formativa exclusivamente regional e nacional, ou seja, destinada aos judeus da Palestina, a ação de Paulo de Tarso e de outros personagens do cristianismo primitivo foi de extrema importância para que ele alcançasse as dimensões que alcançou, pois graças a intervenção desses homens o cristianismo ganhou uma dimensão universal, rompendo assim com o particularismo judeu.

1.1 O EPISTOLÁRIO DE PAULO DE TARSO

Como já foi mencionado, a obra de Paulo de Tarso, não pode ser entendida apenas na suas epístolas, pois antes de tudo Paulo de Tarso foi um homem de ação. Porém os seus escritos são de extrema importância não apenas para entender sua obra como também o próprio cristianismo em sua origem.

À primeira vista pode-se admirar que Paulo, homem de ação, houvesse encontrado tempo e disposição para se exibir como escritor. Na realidade, suas cartas às comunidades cristãs da Grécia, Anatólia e Roma não constituem de modo algum um passatempo, fruto de um amadorismo literário, nem tampouco a fixação do próprio pensamento para o futuro. Mesmo quando escreve não deixa nunca de ser o arauto do Evangelho e mestre de vida dos neófitos: um escritor portanto “engajado” em uma causa à qual consagrou a própria vida (BARBAGLIO, 1993, p.196 - 197).

Barbaglio (1934) ainda afirma que:

Podemos definir as cartas que redigiu como outra face de sua atividade missionária e pastoral: vos de Apóstolo que,

fisicamente longe pela força das circunstâncias, se faz presente às suas igrejas por escrito, continuando um diálogo iniciado “in loco” ou então, como na Epístola aos Romanos, tomando a iniciativa de uma comunicação que se vai retomar na visita próxima. Por isso, com boa razão, W. Wrede as chamou de “um trecho de missão”. Por outro lado, o epistolário de Paulo constitui sua mais preciosa herança espiritual. Se os destinatários eram, naquela época, poucas centenas de pessoas, com o decorrer dos anos e dos séculos, os interlocutores se tornaram gerações inteiras. Nós mesmo, hoje, podemos ouvi-lo através do texto de suas Epístolas. (BARBAGLIO, 1993, p.196 - 197).

Assim Paulo de Tarso por meio de suas epístolas fez missão para além de seu tempo, deixando para os homens um legado teológico, no qual se encontra suas concepções de vida, homem, mundo, morte, liberdade, salvação, redenção e sociedade. Seus escritos que foram destinados à pequenas comunidades, cujos problemas eram específicos assumiu um caráter formativo para o homem cristão de sua época e das gerações posteriores, alcançando ainda hoje seu lugar de prestígio nos textos tidos como Sagrados.

No geral podemos definir os escritos de Paulo de Tarso como um exemplo claro de seu amor às comunidades cristãs fundadas por ele. Amor esse que em alguns momentos o torna agressivo em suas palavras na tentativa de garantir a permanência dos fiéis no caminho da salvação.

As cartas confirmam sua extraordinária participação afetiva na vida dos fieis. Elas exprimem uma humanidade rica, capaz de laços interpessoais estáveis e profundos, sensível ao afeto e à amizade, apaixonada e agressiva. A ousadia de seu pensamento teológico não deveria levar-nos a esquecer essa dimensão menos conhecida de sua personalidade. (BARBAGLIO, 1989, p.32)

Em geral “As cartas ocupam-se diretamente dos problemas de fé e da vida cristã.” (BARBAGLIO, 1989 p.30), assim elas respondem a problemas específicos vividos pelas comunidades destinatária da mesma, por meio de suas epístolas Paulo de Tarso “[...] procurou resolver, de maneira teologicamente fundamentada, os problemas históricos e particulares que progressivamente foram se impondo a seus interlocutores e a ele próprio” (BARBAGLIO, 1989 p.47). Desta forma pode-se dizer que as cartas não eram

destinadas a uma pessoa específica, mas sim a comunidades inteiras de cristãos, sendo assim, as cartas possuíam um conteúdo social e não particular.

Paulo escreveu suas cartas em plena atividade missionária e pastoral. Não se trata, pois, de uma literatura nascida em gabinete, nem de produto da criatividade de um pensador distante dos fatos, e, menos ainda, o resultado de reflexões genéricas ou de especulações filosófico-teológicas atemporais. Ao contrário, o epistolário paulino traz marca do “aqui e agora”. São cartas de ocasião, já se disse com razão, no sentido de que foram ditadas pela urgência de dar resposta a problemas concretos e particulares das comunidades destinatárias, e pela necessidade do apóstolo de se comunicar com os fiéis de suas Igrejas ou, como no caso dos romanos, com os que partilhavam da mesma fé (Rm 1,12). São ocasionais, sim, mas não particulares ou privadas, porque sempre exprimem a relação apóstolo de Cristo-comunidades cristãs. (BARBAGLIO, 1989 p.39)

O que o diferenciava dos outros propagandistas que existiam na época, os quais tinham como objetivo alcançar as pessoas individualmente os convencendo de suas palavras, Paulo de Tarso fazia propaganda do evangelho de Cristo com a intenção de formar grupos, comunidades de pessoas ligadas pelo amor de Cristo. Sendo assim não podemos pensar que as epístolas de Paulo de Tarso possuíam um caráter formativo individual, as quais eram destinadas a pessoas específicas, pelo contrário em seus escritos ele buscava formar comunidades inteiras de pessoas que aderiram ao cristianismo nascente.

Os inúmeros pregadores itinerantes daquele tempo se limitavam a propagar doutrinas filosóficas, religiosas e morais, preocupados, geralmente, em conscientizar os indivíduos. Paulo ao contrário, com sua propaganda, tinha por intuito formar comunidades de pessoas. O ato de aderir à mensagem cristã assume assim um nítido caráter social: os crentes se reúnem criando novas associações que têm como fulcro a fé comum em Jesus Cristo. (BARBAGLIO, 1993, p.122)

Nesse sentido deve-se analisar suas cartas, como ele mesmo indica em seus cabeçalhos: dirigidas as comunidades ou as igrejas.

Com toda razão, assim, suas Epístolas se dirigem não a pessoas individualmente consideradas, mas “à igreja dos Tessalonicenses”, “à igreja de Deus que habita em Corinto”, “

às igrejas da Gálacia”, “aos santos que estão em Filipos”, “à igreja que se reúne na casa de Filêmon”, “a todos os amados de Deus que estão em Roma”. (BARBAGLIO, 1993, p.123)

Assim, devemos compreender as epístolas de Paulo de Tarso como mensagens formativas as suas comunidades, desta forma, cada uma de suas epístolas possui um contexto e uma motivação específica, pois elas vão responder a problemas específicos que cada comunidade estava enfrentando. Porém mesmo com a diversidade de assunto, de motivação e até mesmo de remetentes para suas epístolas, Paulo de Tarso consegue por meio delas traçar linhas gerais do pensamento cristão da época.

A variedade das situações e a multiplicidade dos problemas enfrentados, porém, não o impediram de desenvolver um aprofundamento teológico unitário da fé cristã. Isso foi possível porque ele se deixou constantemente guiar por uma *precisa intuição de fundo*. Ou seja: Jesus de Nazaré, crucificado e ressuscitado, é o único e definitivo caminho de salvação para todos os homens. (BARBAGLIO, 1989 p.50).

E consolidar a doutrina:

Certamente, já a tradição do cristianismo das origens reconhecia em Cristo o mediador do perdão dos pecados e o filho do homem que libertaria totalmente a humanidade, no último dia. Mas ele soube dar-lhe um relevo extraordinário e, sobretudo, fazer dessa verdade a solidíssima base para resolver os problemas da fé e da vida cristã, que aos poucos iam aparecendo em suas comunidades de cultura grega. (BARBAGLIO, 1989 p. 50).

Considerando a multiplicidade das situações que envolvia seus escritos Paulo de Tarso abordou a temática central do cristianismo do primeiro século, o que tornou suas epístolas documentos universais, pois ao mesmo tempo em que elas respondem aos problemas específicos das comunidades remetentes, elas também identificam a centralidade de Jesus Cristo no plano salvífico de Deus.

Não é difícil mostrar, no epistolário paulino, a centralidade histórico-salvífica de Jesus. O anúncio cristão é “o evangelho de Cristo”, isto é, diz respeito à sua pessoa e, particularmente, ao evento de sua morte e ressurreição (Rm 1,9; 1Cor 2,12; 9,13;10,14; Gl 1,7; Fl 1,27; 1Ts 3,2). A fé é adesão a ele (Gl 2,16; Fl 1,29; Rm 3,22.26; Gl 2,16.20; 3,22.26; Fl 3,9; Fm 5). A

existencia cristã se define como um existir “em Cristo”, “no Senhor”, onde a proposição não exprime união mística, mas participação na sua vida de ressuscitado. “A lei de Cristo” comanda o agir dos fiéis (Gl 6,2). E a salvação final consiste na comunhão indefectível com ele: “. . . etaremos sempre com o Senhor” (1Ts 4,17; cf. 1Ts 5,10 Fl 1,23). Numa palavra, ele é o protótipo da Nova humanidade, como Adão o foi da antiga (Rm 12-21; 1Cor 15, 21-22.45-49) (BARBAGLIO, 1989 p.50).

Dentre os escritos de Paulo de Tarso ou aqueles que lhe são atribuídos, apenas sete são considerados pelos especialistas como escritos de Paulo de Tarso, são elas as duas epístolas aos Coríntios, Primeira aos Tessalonicenses, as Epístolas aos Filipenses, aos Gálatas, aos Romanos e a Filêmon. As demais são consideradas escritos que não se pode afirmar a autoria do apóstolo. Sendo assim, das treze epístolas que recebem seu nome apenas sete são verdadeiramente suas e as demais são de autoria duvidosa.

Os escritos de Paulo de Tarso são, portanto, a expressão do cristianismo do primeiro século, onde se buscou formar um novo homem, o homem cristão, e este seria o responsável pela reorganização da sociedade. Desta forma, pode-se compreender que os escritos paulinos são de extrema importância para o cristianismo primitivo por justamente fomentar a proposta formativa cristã da época.

Parece que se pode aceitar a definição de W Wrede: Paulo é o primeiro teólogo cristão e o criador da teologia cristã. Soube ele, com efeito, elaborar categorias de pensamento de enorme expressividade e profunda penetração da fé cristã. Por exemplo, graça, amor, fé, esperança, justificação, reconciliação, libertação e liberdade, paz, salvação, vida e morte, glória, pecado, resgate e redenção, sabedoria, cruz, igreja, comunhão, evangelho, serviço, apóstolo, carisma, mistério, revelação. Já no campo antropológico deparamos com as categorias de “carne”, “corpo” e “espírito”. (BARBAGLIO, 1993, p.230).

Nas epístolas paulinas é possível identificar a temática central do cristianismo do primeiro século, a qual era a nova proposta para a formação do homem. Nesta proposta se encontra dois elementos fundamentais, os quais são o amor, ou como Paulo de Tarso mesmo define em suas epístolas a Ágape e o modelo de Cristo. Assim o novo homem, no caso o homem cristão deveria ser formado com base nestes dois elementos, o amor seria o responsável

pelas relações sociais e as relações dos homens com Deus e o modelo de Cristo seria o responsável por levar os homens a santificação, critério indispensável para a salvação.

2 - PRINCIPAIS ELEMENTOS FORMATIVOS NA PROPOSTA DE PAULO DE TARSO

Dentro da proposta formativa elaborada por Paulo de Tarso para o cristianismo primitivo é possível destacar o amor como um dos principais elementos da mesma. Esse sentimento era o responsável por formar o caráter e a conduta do homem cristão, promovendo no mesmo o desejo de buscar a Deus. Em suas epístolas Paulo de Tarso é enfático ao dizer que sem esse amor é impossível chegar a Deus, porém destaca a divindade desse sentimento, o qual é derramado pelo próprio Deus sobre os homens “[...], pois o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado.” (ROMANOS 5,5), “mas, o fruto do Espírito é amor [...]” (GÁLATAS 5, 22). Desta forma o homem por meio desse elemento conseguirá alcançar a plenitude do Criador.

O amor aparece diversas vezes dentro das epístolas paulinas cumprindo sua função, a de formar os homens para uma vida de santidade. Porém nessas diversas aparições, Paulo de Tarso atribui ao mesmo, características específicas cada uma indo de encontro aos conflitos vivenciados pelas comunidades cristãs da época, principalmente a destinatária de sua epístola. Desta forma o amor será o agente principal na formação dos comportamentos esperados do homem cristão.

Ao definir de uma forma geral esse sentimento Paulo de Tarso faz uso do termo grego *Ágape*, que pode ser entendido como um amor “descendente”, ou seja, originário de Deus que é derramado pelo mesmo aos homens. Desta forma pode-se entender que para Paulo de Tarso Deus era a verdadeira fonte do amor dadivoso e transformador.

A *ágape* é um amor sobrenatural, vindo de Deus, espiritual, conferido pelo Espírito Santo que habita em nós, livre como tudo o que é do Espírito, e que serve para ligar entre si os discípulos do Senhor, os santos, para fazer deles um só Corpo, o Corpo de Cristo, vivificado pela *ágape* do Cristo, participante da vida trinitária, cuja intimidade também se define essencialmente pela *ágape*. A própria vida da Santíssima Trindade é *ágape*. O vínculo que une o Pai, o Filho e o Espírito Santo e a *ágape* (TRESMONTANT, 1964, p. 156 – 157).

Como Paulo de Tarso destaca em sua epístola aos Romanos, Deus amou primeiro os homens e através desse amor os conquistou e os reaproximou Dele, prova disso foi o sacrifício de Jesus Cristo seu filho na cruz, para dar a humanidade perdida uma nova chance de salvação.

Mas Deus prova o seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores. Logo muito mais agora, tendo sido justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira. Porque se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais, tendo sido já reconciliados, seremos salvos pela sua vida. E não somente isto, mas também nos gloriamos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, pelo qual agora alcançamos a reconciliação. (ROMANOS 5:8-11)

Assim sendo, esse amor recebe um caráter incondicional, o qual é afirmado quando Paulo de Tarso arranca toda a barreira existente entre o amor de Deus e os homens.

Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, ou a angústia, ou a perseguição, ou a fome, ou a nudez, ou o perigo, ou a espada? (ROMANOS 8:35).

Porque estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, Nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor. (ROMANOS 8:38-39).

Para fomentar a importância desse elemento Paulo de Tarso em sua epístola aos Coríntios elenca desse sentimento suas principais características, assim seria indubitável sua relevância para a formação do homem cristão. Além disso, destaca a soberania do amor em comparação com as demais coisas, incluindo os dons de Deus e a sabedoria humana.

O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não trata com leviandade, não se ensoberbece. Não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal; não folga com a injustiça, mas folga com a verdade; Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor nunca falha [...](I CORÍNTIOS 13:4-8).

Ainda que eu falasse a língua dos homens e dos anjos, se eu não tivesse a caridade, seria como o bronze que soa ou como

o címbalo que tine. Ainda que tivesse o dom da profecia, o conhecimento de todos os mistérios e de toda a ciência, ainda que eu tivesse toda a fé, a ponto de transpor montanhas, se não tivesse a caridade, nada seria (I CORINTÍOS 13:1-2)

Em sua primeira epistola aos Tessalonicenses, Paulo de Tarso destacou o amor como o elemento de ligação entre Deus e os homens. “A ágape em Tessalonicenses é expressão e consequência da relação pessoal com Deus, o Pai, que, por meio de Cristo, revela sua vontade para a humanidade” (SILVA, 2010. p.113). Também na primeira epistola aos Tessalonicenses o amor é retratado como o agente da relação do homem com os outros homens, nesse caso, Paulo de Tarso faz uso do termo *philadelphia*, que corresponde a “virtude do vínculo cordial, do cuidado mútuo e da verdadeira convivência entre irmãos e irmãs” (SILVA, 2010. p.113). Logo, o amor é o elemento de ligação entre Deus e os homens e o condutor dos homens à Deus, por fim o elemento de sustentação da convivência harmoniosa entre os homens.

O aprofundamento e a sublimação de idéia de Deus, concebido como amor, não poderia deixar de reformar, outrossim, a concepção das relações do homem pra com Deus, e bem assim as relações mútuas dos homens entre si; numa palavra, era forçoso, que surgisse uma nova atitude ética. A teologia do amor constitui o fundamento para uma ética de caridade. (BOENNER; GILSON, 1970, p.17).

Esse caráter de agente de relação entre Deus e os homens também aparece na epístola de Paulo de Tarso aos Gálatas, pois buscando a libertação do judaísmo, Paulo de Tarso defende a mensagem do alcance totalizante e exclusivo da morte e da ressurreição de Cristo para a salvação dos homens. Desta forma a relação entre Deus e os homens não se dá pelos ritos judaicos e sim pelo sacrifício de Jesus Cristo, a prova do amor do Criador. Portanto, a única forma de se chegar até a Deus é por meio do amor derramando por Ele.

[...] se Cristo morreu para perdoar os nossos pecados e para arrancar-nos do “presente mundo mau”, então só nele se deve reconhecer eficácia salvífica, com exclusão de qualquer outro mediador, inclusive a lei. [...] E nisso, exatamente, consiste o evangelho que Paulo anuncia no mundo dos incircuncisos e defende na carta aos Gálatas (BARBAGLIO, 1991, p. 37).

Desta forma, a lei mosaica e as tradições judaicas abrem espaço para o amor na relação homem/Deus, pois para os judeus apenas pelo cumprimento da lei mosaica e das tradições judaicas, principalmente a circuncisão, é que o homem pode ser justificado e assim se chagar a santificação alcançando a plenitude de Deus, porém para Paulo de Tarso essa relação é feita pelo amor.

O resultado é que não será uma Igreja nem exclusivamente de circuncisos, nem exclusivamente de incircunciso: o chamado divino à salvação atinge todo o povo e todo homem, em sua individualidade histórica, exigindo deles não uma transformação cultural-religiosa, mas uma virada radical da existência, baseada na esperança e do amor. (BARBAGLIO, 1989 p.50).

Em seus escritos Paulo de Tarso na busca de solucionar os problemas vividos pelas comunidades cristãs fundadas por ele, utiliza do amor como elemento pedagógico principal nas relações sociais, e por meio dele atenua todas as diferenças existentes entre os cristãos: raça, cor, gênero e posição econômica. Também é possível compreender que ao eleger o amor como um dos principais elementos formativos do homem cristão Paulo de Tarso buscou ao longo de seu epistolário conceituá-lo como sentimento superior capaz de levar o homem a estabelecer relação com Deus. Sentimento que na essência é um dom dado por Deus.

No momento em que Paulo de Tarso elege o amor como um dos principais elementos formativos de sua proposta pedagógica para o cristianismo primitivo e destaca como a prova do amor de Deus o sacrifício de Jesus Cristo, conseqüentemente torna a vida e as obras de Jesus como um exemplo a ser seguido. Portanto, semelhante aos filósofos clássicos, Paulo de Tarso em sua proposta formativa tem um Homem ideal a ser imitado, no caso Jesus Cristo.

Ao mencionar a figura e o sacrifício de Cristo, Paulo de Tarso traz à tona como o elemento propulsor das relações sociais o amor, por ele apontado como referencial de perfeição, já antes enfatizado no processo de formação grego do herói, baseado no exemplo. (SILVA; PEREIRA MELO, 2009, p.6)

Jesus Cristo passa a ser o exemplo de vida e obra, um exemplo que todos os adeptos do cristianismo nascente deveriam seguir Cristo é o

verdadeiro modelo de homem ideal em Paulo de Tarso, é o exemplo de referencial de perfeição educacional, que, deve ser imitado. (SILVA, 2010, p. 85). Assim, todos os que desejassem alcançar a plenitude de Deus deveria imitar a Jesus Cristo, ou seja, viver uma vida de entrega plena ao projeto salvífico de Deus.

[...] aos olhos de Paulo, Cristo é a chave interpretativa do homem. Perdição e salvação, morte e vida, escravidão e liberdade, são condições existenciais que agora se definem com relação a ele. Quem se constrói segundo uma lógica realmente estranha à sua pessoa, ainda que irrepreensível do ponto de vista religioso e ético (cf. Fl 3,4-11), caminha por atalhos que levam à ruína. Ao contrário, horizontes positivos se descortinam para todos os que, na fé e no amor, participam de fato de sua história de homem crucificado e ressuscitado. (BARBAGLIO, 1989 p.51).

Sendo assim, em sua epístolas Paulo de Tarso exortou aos cristãos a seguirem o modelo de Cristo, a exemplo sua epístola aos Efésios “Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados;” (BÍBLIA, N.T., Efésios, 5: 1), modelo que levaria a todos a santidade, garantindo assim um lugar no plano da salvação. Desta forma, “Segundo Paulo de Tarso, à medida que imitava a Cristo, o homem obtinha uma identificação com o redentor [...] (CAVICCHIOLI, 2005, p. 103), estando cada vez mais próximos de Deus.

Ser semelhante a Cristo passou a ser o novo ideal de perfeição, o modelo de homem a ser seguido pela cristandade, proposto pelo próprio Cristo, conforme a pregação de Paulo de Tarso aos filipenses. (PEREIRA MELO, 2011, p.35).

Ao eleger Cristo como modelo Paulo de Tarso revela o homem que pretendia formar para o cristianismo primitivo, o qual era diferente do velho homem que se ocupava com as coisas terrenas sem se preocupar com as coisas celestes. O homem, portanto, deveria ser como Cristo, desapegado das coisas materiais e terrenas e voltado para uma nova forma de sociedade, expressa nas comunidades cristãs, onde todos indiferente de suas condições econômicas, sociais ou nacionalidade deveriam ser como irmãos em Cristo.

Na medida em que superou qualquer caráter estreitamente nacional e caminhou para uma resoluto *universalização*, na medida em que aboliu as diferenças *espirituais* básicas entre

os homens de diferentes nacionalidades, raças ou classes sociais, declarando que todos os indivíduos – *inclusive os escravos* – eram filhos de Deus, a religião cristã, do ponto de vista do seu conteúdo social, assinalou um *avanço* em relação à perspectiva da filosofia da antigüidade clássica, que não reconhecia a condição humana aos escravos (KONDER, 1969, p.69).

A busca pela santidade por meio da imitação de Cristo torna-se um dos grandes nortes da proposta pedagógica de Paulo de Tarso “Seu projeto salvífico consiste em tornar todos os homens “conforme à imagem de seu filho, a fim de que seja o primogênito de muitos irmão” (Rm 8,29).” (BARBAGLIO, 1989 p.51) . Sendo assim em seus escritos Paulo de Tarso busca deixar clara a identidade de Cristo e a necessidade da imitação dele para que o homem chegue à salvação.

A práxis educativa paulina centrava-se, em primeiro lugar, em definir qual era a figura de Cristo que deveria ser imitada e sistematizada em conteúdos; e, em segundo lugar, moldar o caráter cristão segundo esse modelo a ser caracterizado por Cristo, que se personificou em *ágape*. A contribuição paulina para formação do homem ideal cristão se deu nesse aspecto: sistematizar quem foi Cristo, como ele agia e como moldar, nesse primeiro momento, o homem cristão a essa mesma imagem. A constituição da identidade cristã se deu, então, ao mesmo tempo em que se moldava uma identidade para o Cristo. (SILVA, 2010, p.130)

Na busca de definir o modelo a ser seguido na busca pela santidade, Paulo de Tarso além de Cristo faz uso da própria imagem como exemplo a ser seguido, assim ele exorta os cristãos a seguirem o modelo dele que é pautado na imitação de Cristo, como forma de se alcançar a santidade e posteriormente a salvação.

Sede meus imitadores, irmãos, e ponde os olhos naqueles que andam conforme o modelo que tende em nós (FILIPENSES, 3: 17).

Rogo-vos, portanto, que sejais meus imitadores. (I CORÍNTIOS, 4: 14-16).

Sede meus imitadores, como também eu o sou de Cristo. (I CORÍNTIOS, 11: 1).

Porém, mesmo se achando digno de dar exemplo Paulo de Tarso deixa claro que ainda não alcançou a santidade e a plenitude de Deus, mas julga ser exemplo pela sua busca incessante e incansável pela santidade. Desta forma seu exemplo é de busca e não de perfeição como o de Cristo, assim os cristão deveriam imitar a Cristo por ser perfeito e a Paulo por ser perseverante na busca pela perfeição.

Não que já a tenha alcançado, ou que seja perfeito; mas vou prosseguindo, para ver se poderei alcançar aquilo para o que fui também alcançado por Cristo Jesus. Irmãos, quanto a mim, não julgo que o haja alcançado; mas uma coisa faço, e é que, esquecendo-me das coisas que atrás ficam, e avançando para as que estão adiante, prossigo para o alvo pelo prêmio da vocação celestial de Deus em Cristo Jesus. Pelo que todos quantos somos perfeitos tenhamos este sentimento; e, se sentis alguma coisa de modo diverso, Deus também vo-lo revelará. Mas, naquela medida de perfeição a que já chegamos, nela prossigamos. Irmãos, sede meus imitadores, e atentai para aqueles que andam conforme o exemplo que tendes em nós; (FILIPENSES, 3: 12-17).

Portanto, Paulo de Tarso fez uso desses dois elementos formativos para compor e fomentar sua proposta pedagógica para o cristianismo do primeiro século, diferenciando-a das demais propostas da época por seus objetivos, o qual seria o de orientar os cristãos sobre o caminho que se deveria andar para se alcançar a plenitude de Deus e posteriormente a salvação.

Com base nesses referenciais, a pedagogia paulina orientou a educação cristã, no sentido de uma busca incessante da unidade de vida, da exortação para a plenitude humana e a plenitude sobrenatural. Para o cristão, a educação transformou-se no caminho da santificação, da instrumentalização de seus adeptos para seguir o exemplo e a doutrina de Cristo, do processo de transformação no próprio Cristo. (PEREIRA MELO, 2011, p.34)

Destarte, o modelo de Cristo é a base da pedagogia paulina, a qual era preocupada em formar o homem cristão. Assim, Cristo é o modelo a ser seguido, pois suas obras foram irrepreensíveis. Outro elemento importante na proposta de Paulo de Tarso para o cristianismo primitivo foi o amor. Em suas epístolas Paulo de Tarso, por meio do amor, exortou as comunidades a união e

aceitação das diferenças (raciais, sociais, e de gêneros), pois o novo homem, o homem cristão era pertencente a uma nova sociedade, a sociedade cristã, cuja a principal característica é a concepção de união, onde todos por meio de Jesus Cristos se tornam irmãos.

3- O AMOR COMO ELEMENTO FORMATIVO NA PROPOSTA PEDAGÓGICA DE PAULO DE TARSO.

Paulo de Tarso em sua proposta formativa cristã elege o amor como elemento fundamental na formação do caráter e da conduta do homem cristão, sendo este responsável por promover no homem o desejo da busca por Deus. O que, segundo ele, é um dom provido por Deus “[...], pois o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado.” (ROMANOS 5,5), “mas, o fruto do Espírito é amor [...]” (GÁLATAS 5, 22); e Paulo de Tarso é enfático em afirmar que sem o qual é impossível chegar à plenitude de Deus.

Ao definir amor, Paulo de Tarso utiliza o termo grego *Ágape*, que é compreendido como um amor “descendente”, originário de Deus, que vem de Deus até o homem, ou seja, de cima, do “céu” para baixo, a “terra”, portanto Deus amou primeiro o homem e o conduziu a amá-lo da mesma forma, sendo o amor caracterizado no sacrifício de Jesus, onde está a entrega absoluta de Deus aos homens.

Há uma distinção entre *ágape* e as outras qualidades do amor, sempre integradas uma à outra e presentes em toda experiência do amor. Pelo seu caráter transcendente, *ágape* não pode ser experimentada como força vital, senão através das outras e especialmente do Eros. Contudo, em todas as decisões morais, *ágape* deve ser o elemento determinante, pois é ligado à justiça e transcende a finitude do amor humano. Sozinha, *ágape* se tornaria moralista e legalista. Mas sem *ágape*, o amor perderia a sua seriedade (HIGUET, 2007, p. 3).

A *ágape* é um amor sobrenatural, vindo de Deus, espiritual, conferido pelo Espírito Santo que habita em nós, livre como tudo o que é do Espírito, e que serve para ligar entre si os discípulos do Senhor, os santos, para fazer deles um só Corpo, o Corpo de Cristo, vivificado pela *ágape* do Cristo, participante da vida trinitária, cuja intimidade também se define essencialmente pela *ágape*. A própria vida da Santíssima Trindade é *ágape*. O vínculo que une o Pai, o Filho e o Espírito Santo e a *ágape* (TRESMONTANT, 1964, p. 156 – 157).

Nesse sentido, o amor como elemento formativo na proposta pedagógica paulina é considerado sobrenatural, conferido pelo Espírito Santo, e agente principal para a formação dos comportamentos esperados pelo cristianismo. Em suas cartas, Paulo de Tarso teve a preocupação de elencar as

qualidade e virtudes desse sentimento superior que os cristãos devem desenvolver, conforme proclamou aos coríntios:

O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não trata com leviandade, não se ensoberbece. Não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal; Não folga com a injustiça, mas folga com a verdade; Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor nunca falha [...] (I CORÍNTIOS 13:4-8).

A prática desse bem maior, segundo o Paulo de Tarso, era uma dádiva divina, mas que passava necessariamente pela aproximação de Deus, a verdadeira fonte do amor dadivoso e transformador. O amor e a busca por Deus estavam sempre ligados, sendo um condicionado à outra.

[...] o amor enaltecido no trecho de *I Coríntios* 13, 4-7 é o amor ao próximo, na medida em que nele opera a *ágape* que Deus derramou —em nosso coração pelo Espírito Santo que nos foi dado (ROMANOS 5,5), logo, é um —dom (GALATAS 5,22). Assim —o amor do âmbito da graça de Deus é um poder vital que em certo sentido vem antes dos que creram (SILVA, 2010, p. 115).

Pegadas, nesse sentido, podem ser levantadas em sua carta as igrejas de Tessalônica, da Galácia, de Roma e de Corinto, nas quais argumentou sobre a importância da prática do amor nas comunidades cristãs para a formação do homem ideal cristão: o homem santificado:

[...] a iluminação do evangelho da glória do Cristo, que é a imagem de Deus. Não, não é a nós mesmos, mas a Jesus Cristo Senhor que nós proclamamos. Quanto a nós, proclamamo-nos vossos servos por causa de Jesus. Pois o Deus que disse: brilhe a luz no meio das trevas foi o mesmo que brilhou em nossos corações para fazer resplandecer o conhecimento da sua glória que resplandece no rosto do Cristo. Mas este tesouro, nós o carregamos em vasos de argila, para que esse poder incomparável seja de Deus e não nosso (II CORÍNTIOS 4,4-7).

Em seus escritos Paulo de Tarso buscou dar soluções aos problemas vividos nas comunidades cristãs, e para atingir tal objetivo ele elegeu o amor como elemento pedagógico principal nas relações sociais atenuando todas as diferenças existentes entre os cristãos: raça, cor, gênero e posição econômica.

Nesse sentido, elencou suas principais virtudes e suas principais características, padronizando-o em seus escritos, como elemento formativo.

3.1 CARTA AOS TESSALONICENSES: O AMOR COMO AGENTE DA RELAÇÃO DEUS/HOMEM

Em sua *Carta aos Tessalonicenses* o amor aparece como agente da relação entre Deus e os Homens, “A *ágape* em *Tessalonicenses* é expressão e consequência da relação pessoal com Deus, o Pai, que, por meio de Cristo, revela sua vontade para a humanidade”. (SILVA, 2010. p.113).

O amor aparece também como agente da relação dos homens com os outros homens, Paulo de Tarso se apropria do termo *philadelphia*, que corresponde a “virtude do vínculo cordial, do cuidado mútuo e da verdadeira convivência entre irmãos e irmãs” (SILVA, 2010. p.113). Portanto, os cristãos deveriam se amar como irmãos e irmãs, sendo concebidos dessa forma, na medida em que entendem que todos são filhos de Deus por “adoção”, materializada no sacrifício de Cristo: “Nesta doutrina, o cristianismo se constitui como uma comunidade de amor.” (OJEA, 1984, p. 215)

Desta forma os cristãos deveriam amar seus “irmãos” na fé, pois segundo Paulo de Tarso isto era uma ordenança do próprio Deus, que os ensinava: “Quanto, porém, ao amor fraternal, não necessitais de que vos escreva, visto que vós mesmos estais instruídos por Deus que vos ameis uns aos outros;” (1 TESSALONICENSES 4:9), e em sua proposta pedagógica, cumpriu a Paulo de Tarso caracterizar essa exortação na modelação de um comportamento em que a persistência nesse amor é a única maneira de se chegar até Deus e de se receber da vida eterna prometida.

3.2. CARTA AOS GÁLATAS: AMOR ENQUANTO PLENITUDE DE DEUS.

A carta de Paulo de Tarso aos Gálatas foi destinada a todas “as igrejas da Galácia” (GÁLATAS 1:2), visando à necessidade de devolver a liberdade em relação ao judaísmo, ou seja, não limitar a relação dos cristãos com Deus pelos rituais judaicos, e sim pela nova conceituação de amor eleita por Paulo de Tarso, como o mediador dessa relação.

Na *Carta aos Gálatas*, Paulo de Tarso usa do amor para romper com as tradições preservadas pelos primeiros apóstolos, os quais ainda eram muito ligados aos costumes do judaísmo e superá-las, visando uma pretensa universalização do cristianismo nascente. Ele fez isso ao afirmar que a plenitude de Deus não está na circuncisão mais sim no amor: “Porque em Jesus Cristo nem a circuncisão nem a incircuncisão tem valor algum; mas sim a fé que opera pelo amor.” (GÁLATAS 5: 6). Esta exortação paulina tem também por fim defender os novos convertidos – cristãos helenísticos que por serem provenientes do mundo que consideravam pagão se recusavam a aceitar a circuncisão.

E nessa sua defesa pelos novos valores, aperfeiçoados no diálogo com a cultura clássica, apela para os ensinamentos do próprio Cristo: “[...] Porque toda a lei se cumpre numa só palavra, nesta: Amarás ao teu próximo¹ como a ti mesmo.” (GÁLATAS 5: 14).

Dessa forma, Paulo de Tarso convocou os cristãos para que cumprissem a nova lei, deixada por Cristo: “Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis” (JOÃO 13: 34), mas acima desse amor entre os irmãos exemplificado por Cristo, estava o amor a Deus acima de todas as coisas, objetivo e fim de todos os homens cristãos.

Com isso, Paulo de Tarso atribuiu ao amor a condição de dádiva, de dom, dom esse que é colocado na lista dos frutos do Espírito juntamente com outras virtudes cristãs, como a fé a caridade, entre outras, as quais devem ser à base da conduta do povo cristão. “Mas o fruto do Espírito é: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança.” (GÁLATAS 5: 22).

Paulo de Tarso em sua *Carta aos Gálatas* atribuiu ao amor qualidades fundamentais para a efetivação de sua proposta formativa, pois o amor rompe com a tradição judaica dos primeiros apóstolos ao confrontar diretamente um de seus principais costumes, a circuncisão. Ao afirmá-lo como o cumprimento pleno da lei deixada por Cristo, exortou que apenas no exercício do amor se

¹A definição mais clara que se tem de ‘próximo’ é a parábola do bom samaritano registrada nos evangelhos. Nela Jesus Cristo conceitua o próximo numa relação de proximidade literal e desvinculada de raça, cor ou sexo (LUCAS 10: 25-37).

cumpriria essa mesma lei, e por fim reafirmou que o amor é um dom vindo de Deus, o qual pode guiar o homem à plenitude de seu criador.

3.3 CARTA AOS ROMANOS: O AMOR INCONDICIONAL

A *Carta aos Romanos* foi escrita aproximadamente na sexta década do primeiro século, segundo Barbaglio (1991), Crossan e Reed (2008), sua carta está dividida em três partes. Na primeira, Paulo de Tarso irá abordar a Justificação de Deus, sendo que nessa parte ele trará o conceito de pecado e de justificação pela fé. A segunda parte é composta pela análise paulina da situação de Israel no processo de universalização da proposta formativa do cristianismo primitivo. E por fim em sua terceira parte Paulo de Tarso esclarece os fundamentos principais de sua proposta formativa, que tem no amor seu elemento fundamental.

O amor em sua *Carta aos Romanos* é concebido como algo derramado por Deus sobre os homens pelo Espírito Santo “[...] porquanto o amor de Deus está derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado.” (ROMANOS 5:5). Desta forma, investe o amor de um caráter transcendente, uma vez que este parte primeiramente como dádiva de Deus para os homens: “Deus amou o homem primeiro, chegando mesmo a dar-lhe o seu Filho para o redimir” (REALE, 2006, p.02); para se realizar numa relação dinâmica ao ser recebido como benção pelos os homens da parte de Deus. Assim o agente da relação Homem/Deus e Deus/Homem sempre será o amor.

Essa condição de agente divino, atribuída por Paulo de Tarso ao amor, não se refere apenas ao fato de ser sempre concebido como um dom dado por Deus para os homens, pois esse também se expressa no amor dos homens para com Deus ou para com os outros homens. Desta forma sendo este amor provido de Deus ele será sempre incondicional, por isso Paulo de Tarso exortou aos cristãos a amarem até mesmo seus inimigos, de forma a servi-los e ajudá-los quando necessário: “Portanto, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber; porque, fazendo isto, amontoarás brasas de fogo sobre a sua cabeça.” (ROMANOS 12: 20). Paulo de Tarso afirma a incondicionalidade do amor de Deus para com os homens ao superar todas as barreiras existentes entre eles.

Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, ou a angústia, ou a perseguição, ou a fome, ou a nudez, ou o perigo, ou a espada? (ROMANOS 8:35).

Porque estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, Nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor. (ROMANOS 8:38-39).

Ao afirmar que o amor de Deus para com os homens esta firmado em Cristo, Paulo de Tarso elegeu seu sacrifício na cruz como a grande prova desse amor, entendendo que Deus amou os homens mesmo quando estes se afastaram dos seus ensinamentos e se entregaram a práticas consideradas reprováveis em relação aos preceitos cristãos, afastando-se assim da sua plenitude.

Mas Deus prova o seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores. Logo muito mais agora, tendo sido justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira. Porque se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais, tendo sido já reconciliados, seremos salvos pela sua vida. E não somente isto, mas também nos gloriamos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, pelo qual agora alcançamos a reconciliação. (ROMANOS 5:8-11).

Nos ensinamentos paulinos, o desejo de uma relação íntima e pessoal do Criador com sua criatura ganha grandiosidade, a ponto de considerar que Deus não mede esforços e sacrifícios para atingir este fim, a ponto de quando já não havia esperança para os homens, Deus por meio do sacrifício de Cristo na cruz, os redimir dando lhes esperanças, e esta não somente de uma vida terrena de gozo, mas sim de uma vida eterna em sua presença: “Mas agora, libertados do pecado, e feitos servos de Deus, tendes o vosso fruto para santificação, e por fim a vida eterna.” (ROMANOS 6: 22). Deste modo, *ágape* aparece como o amor de Deus para os homens, pois ele amou o homem quando este ainda estava em pecado e fora de sua vontade.

Isto, portanto, permite o desenvolvimento de uma pedagogia que resume as idéias morais do helenismo (Fp 4:8), portanto, o homem interior paulino [...] repousa sobre a crença em um segundo mundo dos céus, compensatório de suas frustrações [...] (OJEA, 1984, p. 221).

Para Paulo de Tarso, o amor de Deus pelos homens é comprovado na entrega de Seu filho unigênito a morte para redimir e reaproximar a humanidade que estava perdida e distante de sua presença “Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus;”(ROMANOS 3:23), pois este foi um grande manifesto de amor, uma vez que Cristo teve que se destituir de sua glória e poder para descer na Terra, morrer e sofrer para que todo aquele que aceitasse seu sacrifício adquirisse o direito a redenção e vida eterna.

Se o Amor absoluto coincide com a Beleza absoluta, eis a resposta ao problema na perspectiva do *ágape*: a Beleza absoluta é o Amor de Cristo, que se entregou ao homem para a sua salvação, e que se —rebaixou a tal ponto que até o mais miserável de todos os miseráveis pudesse ter a certeza de que é amado por Ele. Consequentemente, em Cristo manifesta-se aquela Beleza no máximo esplendor: o único que pode salvar tudo e todos de modo absoluto (REALE, 2006, p.02).

O Sacrifício de Cristo, nos preceitos paulinos, fora condição essencial para a santificação, o ideal de homem e de vida cristã, para além, da conquista da “cidadania celeste”, prometido por Cristo.

3.4 CARTA AOS CORÍNTIOS: AMOR- O SENTIMENTO SUPERIOR.

As *Cartas aos Coríntios* não tem sua autoria questionada, sendo assim são consideradas cartas autênticas de Paulo de Tarso, elas foram escritas com o propósito de responder a alguns problemas sociais dessa comunidade, sendo um dos principais problemas relacionados à doutrina cristã em um ambiente não judaico.

Outro problema que a primeira carta de Paulo de Tarso visa resolver era a divisão entre os grupos de cristãos dentro da comunidade de Corinto, que era causada por um grande individualismo existente nesta comunidade, o que Fabris (2003) denomina de “partidarismo”, ou seja, a divisão da comunidade em grupos, uns de uma classe mais abastada e outros das classes mais simples. E é por isso que Paulo de Tarso irá investir no amor como qualidade superior, que transcende todas as outras, riqueza, conhecimentos e os dons espirituais.

A concepção de amor que Paulo de Tarso traz em sua primeira carta aos Coríntios foi expressa no capítulo 13, onde comparou o amor as demais virtudes, elegendo-o como mais importante que as demais. Em seus ensinamentos detalhou como essa virtude, tida por ele como a maior, se realiza em sua plenitude e como pode transformar o caráter do homem que se torna cristão.

Pois, para Paulo de Tarso, se o homem não possuísse e desfrutasse os dotes superiores dessa virtude divina, nada valeria conhecer toda ciência, tudo se torna vão, da mesma forma que toda a caridade e bondade seriam inúteis se não houver amor.

Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine. E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria. E ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria. (I CORÍNTIOS 13:1-3)

Reafirmando os seus ensinamentos aos gálatas, enfatiza que é no amor que está à plenitude da lei, e só por meio desta plenitude é que irar desfrutar da promessa de vida eterna feita por Cristo. Mas, sua conquista não era fácil, a prática dessa virtude requisitava o exercício de uma vontade persistente, de sacrifícios plenos e de doação pessoal sem limites, num indicativo da necessidade de se romper com todos os sentimentos tidos como inferiores e próprios da condição material do homem.

Em sua conclusão no capítulo 13 exorta os cristãos de Corinto a essa prática transformadora: “Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três, mas o maior destes é o amor.” (I CORÍNTIOS 13:13). Portanto, o amor é o sentimento superior, aquele que provem de Deus e somente ele pode tornar o homem semelhante a Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A origem do cristianismo ocorre em um período específico caracterizado pela helenização do mundo antigo e a grande expansão do Império Romano. Desta forma, a sociedade e o homem estavam sedentos por novas formas de compreensão de mundo, de homem e de sociedade, buscando reencontrar seu lugar no mundo.

Nesse contexto surge o cristianismo, que a princípio podia ser entendido apenas como uma reorganização do judaísmo, mas que posteriormente devido à influência da cultura helênica se tornou um pensamento universal. Essa helenização do pensamento cristão ocorre desde sua origem devido à diáspora judaica, assim em sua origem o cristianismo era dividido em duas comunidades: os judeus cristãos e os cristãos helênicos. Essa distinção se destacava principalmente por meio da língua, pois os primeiros faziam uso da língua hebraica ou aramaica e o segundo grupo da língua grega.

Nesse momento destacou-se a figura de Paulo de Tarso, um dos principais personagens e agentes da expansão e aceitação do cristianismo primitivo pelo mundo considerado pagão. Sua obra foi de extrema importância para a fundamentação do cristianismo primitivo, pois elas foram às primeiras obras com caráter formativo do pensamento cristão.

Assim, Paulo de Tarso ao sistematizar e fundamentar o pensamento cristão se tornou uma das maiores expressões do cristianismo. Devido a esse caráter formativo as obras de Paulo de Tarso ganharam prestígio entre os escritos tidos como sagrados e ainda na contemporaneidade são considerados importantes para a compreensão do pensamento cristão.

Na concepção educativa paulina encontram-se implícitas as principais linhas norteadoras da educação cristã. Na tentativa de solucionar os problemas sociais existentes por todas as comunidades cristãs, descreveu em todas as cartas a importância do amor na relação Deus/Homem, Homem/Deus e Homem/Homem, numa tentativa de responder aos conflitos que existiam nessas comunidades.

Ao eleger o amor como base fundamental para a vida comportamental cristã, buscou conceituá-lo, como sentimento superior que pode levar o homem a estabelecer uma proximidade com Deus, e que em essência é um dom dado

pelo próprio Deus. Desta forma seria ele o responsável por reeducar os homens com vista a modelar um caráter ideal para o cristianismo.

Paulo de Tarso esclareceu os agentes que interferem no processo de aperfeiçoamento ou —acabamento do ser, do homem, em sua caminhada para a santificação: o Espírito que vivifica, por meio da graça, o processo no santificador.

Segundo proposta paulina, esse instrumento formativo levaria o homem cristão à imitação de Cristo, modelo perfeito de homem. Nesse processo, denominado por Paulo de Tarso de santificação, o homem era transformado e moldado conforme o caráter de Cristo, em essência a personificação deste amor.

O amor, portanto foi apontado como base fundamental da proposta formativa de Paulo de Tarso, pois ele conduziria o homem a imitar a Cristo, o modelo perfeito.

REFERÊNCIAS

BARBAGLIO, Giuseppe. **São Paulo, o homem do Evangelho**. Tradução de Epharaim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____.As Cartas de Paulo (I).Tradução de José Maria de Almeida. São Paulo :Loyola, 1989.

_____.As Cartas de Paulo (II).Tradução de José Maria de Almeida. São Paulo: Loyola, 1991.

BÍBLIA. **BÍBLIA de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2001.

BOEHNER, Philotheus. GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã**. Petrópolis, RJ.Ed. Vozes, RJ, 1970.

CAVICCHIOLI, Maria de Lourdes Silva Barros, **A Cultura Clássica e o Magistério de Paulo de Tarso**. Maringá DFE/PPE, 2005.

CROSSAN, J. Dominic.; REED, Jonathan L. **Em busca de Paulo: Como o apóstolo de Jesus opôs Reino de Deus ao Império Romano**. São Paulo: Paulinas, 2008.

ENGELS, Friedrich. **O Cristianismo Primitivo**. Rio de Janeiro: Laemmert, 1969

FABRIS, Reinaldo. **Paulo Apóstolo dos gentios**. São Paulo: Paulinas, 2003.

_____. **Para Ler Paulo**. São Paulo: Loyola,1996.

HIGUET, Etienne A. **A Força do Eros no Pensamento Ético e Político de Paul Tillich**. Revista Eletrônica *Correlatio*, n. 02, ISSN: 1677-2644, 2002. Disponível em:< <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/view/1811/1796> >. Acesso em 08/05/ 2014.

HOLZNER, Josef. **Paulo de Tarso**. Lisboa: Editorial Áster Ltda, 1959.

JAEGER Werner. **Cristianismo Primitivo e Paideia Grega**: [tradução de Teresa Louro Pérez]. – Lisboa – Portugal: Edições 70, 2002.

KONDER, Leandro. **O Cristianismo Primitivo- Apêndice**. Rio De Janeiro: Editora Laemmert. 1969.

KOESTER, Helmut. **Introdução ao Novo Testamento**: História e Literatura do Cristianismo Primitivo. trad. Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2005. V.2.

OJEA, Gonzalo Puente. **Ideología e Historia**: La Formación del cristianismo como fenómeno ideológico. 3ª ed. Madri: Siglo Veintiuno Editores. 1984.

PEREIRA MELO, José Joaquim. A Educação Paleo-Cristã. **Revista Teoria e Prática da Educação**. Maringá, Vol.04, nº 09, 2001, p. 97-109.

_____. José Joaquim. **O Cristianismo e a Cultura Clássica**: Oposição ou Integração. Rev. Teoria e Prática da Educação, v. 14, n. 2, p. 33-45, maio./ago. 2011

PIERINI, Franco. **A Idade Antiga**. São Paulo: Paulus, 1998.

QUESNEL, Michel. **Paulo e as origens do Cristianismo**. São Paulo, Ed Paulinas, 2004.

REALE, Giovanni. **Teologia e Magistério: Eros e Ágape na Concepção do Amor**. In: L'Osservatore Romano, publicado na edição portuguesa de 1-VII-2006.

SILVA. Roseli Gall do Amaral da, PEREIRA MELO. José Joaquim. **Pedagogia Cristã Primitiva**: A formação do homem ideal em Paulo de Tarso. Maringá: DFE/PPE, 2009.

_____. **A Formação do Homem Ideal em Paulo de Tarso**: O Amor Como Elemento Formativo. Maringá, PPE/UEM. 2010.

TRESMONTANT, Claude. **São Paulo e o ministério do Cristo**. Rio de Janeiro, Agir, 1964. p. 156 – 157